

# SITUAÇÕES PLURAIS E PRESSUPOSIÇÃO DE HOMOGENEIDADE EM SENTENÇAS-DONKEY

Marcelo Barra FERREIRA<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo (USP)

## RESUMO

*O artigo discute algumas instâncias das chamadas “sentenças donkey”, como a clássica ‘Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele’. Propõe-se que essas sentenças contem uma descrição definida plural de situações no escopo de um sujeito quantificado em suas formas lógicas. O núcleo da argumentação baseia-se numa comparação que revela uma série de similaridades interpretativas entre tais sentenças e sentenças que contêm explicitamente em suas estruturas superficiais descrições definidas plurais de indivíduos e aponta para vantagens da análise em relação a outros tratamentos propostos na literatura.*

## ABSTRACT

*The article discusses some instances of the so-called donkey sentences, such as the classic ‘Every farmer who owns a donkey beats it’. It is claimed that these sentences contain a plural definite description of situations under the scope of a quantified subject in their logical forms. The heart of the argumentation is based on a comparison that reveals several interpretive similarities between donkey sentences and sentences that contain an overt plural definite description in their surface structures and highlights some advantages of the analysis over alternatives that have been proposed in the literature.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Homogeneidade. Projeção de pressuposição. Sentenças donkey. Situações plurais.*

---

<sup>1</sup> Agradeço imensamente aos pareceristas anônimos da Revista da Abralín. As críticas e sugestões que fizeram serviram não apenas para tornar o texto mais claro, mas também para sanar alguns erros presentes na versão anterior do artigo. Todos os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

## KEYWORDS

*Donkey sentences. Homogeneity. Plural Situations. Presupposition Projection.*

## Introdução

Neste artigo, discuto algumas instâncias das chamadas sentenças *donkey*, como as mostradas em (1), e proponho que tais sentenças contêm uma descrição definida plural situacional em suas formas lógicas.

- (1)
- a. Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele.
  - b. Nenhum fazendeiro que possui um burrinho bate nele.
  - c. A maioria dos fazendeiros que possui um burrinho bate nele.

Essa descrição plural é interpretada no escopo de um sujeito quantificado e a parte central da argumentação que apresentarei está baseada em uma comparação que revela diversas similaridades interpretativas entre sentenças como as em (1) e sentenças contendo descrições definidas explícitas em suas estruturas superficiais sob o escopo de um sintagma quantificador. Além disso, a análise mantém que determinantes quantificadores como *todo*, *nenhum* e *a maioria dos* introduzem quantificação sobre uma única variável de cada vez, evitando assim o conhecido problema da proporção, que discutiremos mais adiante na seção 2. A análise é também compatível com abordagens *e-type* dos pronomes que aparecem na posição de objeto direto em (1) sem incorrer no problema da unicidade, discutido na seção 1.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresento as sentenças de que trata o artigo e os problemas que elas colocam tanto para as abordagens *e-type* (EVANS, 1980, *inter alia*) quanto para as baseadas em ligação não seletiva (KAMP, 1981; HEIM, 1982, *inter*

*alia*). Na seção 2, retomo a tentativa em Heim (1990) de se resgatar a abordagem *e-type* dentro de uma semântica de situações e os novos desafios que a autora coloca em relação a esse resgate. Na seção 3, apresento minha proposta de que a forma lógica das sentenças *donkey* contém uma descrição definida plural de situações e mostro como essa proposta enfrenta os desafios de Heim. Na seção 4 explicito a proposta anterior mostrando que descrições definidas plurais desencadeiam uma pressuposição de homogeneidade (LOBNER, 1985) que se projeta no contexto de expressões quantificadoras. Na seção 5, retomo as sentenças *donkey* mostrando como a pressuposição de homogeneidade afeta seu significado e sintetizando as virtudes da proposta. Por fim, na seção 6, apresento uma breve conclusão.

## 1. Sentenças *Donkey*

Começamos com o exemplo clássico em (2) na leitura que veicula que os donos de burrinhos batem em seus burrinhos.

- (2) Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele.

Se tratarmos pronomes como expressões referenciais, está claro que a referência do pronome *ele* em (2) deve covariar com os fazendeiros. Dessa forma, se o fazendeiro José possui o burrinho *A* de acordo com (2), ele baterá em *A*; se o fazendeiro Pedro possui o burrinho *B*, ele baterá em *B*; e assim por diante. Na visão das abordagens que fazem uso de ligação não seletiva (KAMP, 1981; HEIM, 1982 e vários outros após eles), o pronome *ele* em (2) corresponde a uma variável ligada. Isso é possível graças à hipótese de que sintagmas indefinidos como *um burrinho* não tem força quantificacional própria, sendo interpretados como variáveis restringidas, e que determinantes quantificadores como *todo* podem ligar múltiplas variáveis de uma só vez. O significado de (2) pode então ser representado como em (3):

- (3) Para todo par  $\langle x, y \rangle$  em que  $x$  é um fazendeiro e  $y$  um burrinho que  $x$  possui,  $x$  bate em  $y$ .

Essa fórmula representa uma alternativa à abordagem conhecida como *e-type* (Evans 1980), que mantém visão tradicional de que indefinidos tem força quantificadora e que determinantes como *todo* ligam apenas uma variável de cada vez. Tal abordagem trata pronomes como *ele* em (2) como uma descrição definida – *o burrinho que ele possui*. Covariação nesse caso resulta da presença de uma variável dentro da descrição e que é ligada pelo quantificador na posição de sujeito. Uma possibilidade de implementação da proposta é assumir que um pronome *e-type* é a realização fonológica de um determinante definido com um complemento elíptico (ELBOURNE, 2002). Tal complemento corresponde a uma função contextualmente saliente aplicada a uma variável de indivíduo. No caso de (2), teríamos a representação em (4) e essa função seria a função *burrinho que  $x$  possui* (COOPER, 1979, HEIM; KRATZER, 1998):<sup>2</sup>

- (4) para todo fazendeiro  $x$ , tal que  $x$  possui um burrinho,  $x$  bate no burrinho que  $x$  possui

Uma vantagem da abordagem baseada em ligação não seletiva sobre a abordagem *e-type* é que aquela não incorre no *problema da unicidade*. Esse problema é que descrições definidas singulares desencadeiam a pressuposição de que um único indivíduo satisfaz o conteúdo da descrição. Mas se o pronome *ele* em (2) for interpretado como *o único burrinho que  $x$  possui* sob o escopo do quantificador universal *para todo  $x$* , espera-se que (2) só possa ser usada adequadamente em contextos nos quais todo fazendeiro que tem um burrinho tenha somente um burrinho (*cf.* Todo

<sup>2</sup> Mais precisamente:  $\lambda y. y$  é um burrinho que  $x$  possui. Ver Cooper (1979) e Heim e Kratzer (1998) para implementações formais.

fazendeiro que tem um burrinho bate no único burrinho que ele tem). Entretanto, essa não parece ser uma pressuposição que associamos a (2).<sup>3</sup> Imagine que haja vários fazendeiros que possuem mais de um burrinho cada e que batem em todos os burrinhos que possuem. A sentença (2) parece perfeitamente adequada, sendo que falantes julgam-na verdadeira de maneira consistente. Exemplos com outros quantificadores levam à mesma conclusão, como no exemplo abaixo retirado de Rooth (1987):

- (5) Nenhum pai com um filho adolescente empresta o carro pra ele no final de semana.

Usos adequados dessa sentença não são incompatíveis com a existência de pais com mais de um filho adolescente. Em havendo tais casos, a sentença será considerada verdadeira apenas se nenhum pai tiver emprestado o carro pra nenhum de seus filhos adolescentes. Novamente, a abordagem baseada em ligação não seletiva fornece o resultado correto: nenhum par  $\langle x,y \rangle$  em que  $x$  é pai e  $y$  é um filho adolescente de  $x$ ,  $x$  empresta o carro pra  $y$ .<sup>4</sup>

De consequências ainda mais dramáticas para a abordagem *e-type* são os seguintes exemplos (HEIM, 1982):

- (6)
- a. Toda mulher que comprou uma planta aqui comprou outras oito junto com ela
  - b. A maioria das pessoas que possuíam um escravo possuíam também seus filhos e netos.

<sup>3</sup> Cf. Neale (1990) para uma proposta que interpreta o pronome singular das sentenças *donkey* como semanticamente neutro e Elbourne (2002) e Kanazawa (2001) para críticas à proposta de Neale.

<sup>4</sup> Exemplos análogos em favor de uma abordagem não-seletiva podem ser construídos com sentenças condicionais e genéricas.

Obviamente, essas sentenças não deveriam nunca ter usos adequados se os pronomes em questão fossem interpretados como *a única planta que a mulher comprou* e *o único escravo que a pessoa possuía*, conforme discutido à exaustão em Heim 1982.

## 2. Resgatando a Abordagem *E-Type*

Heim (1990), tomando emprestadas ideias de Berman (1987), reconsidera a abordagem *e-type* à luz da *semântica de situações* (KRATZER, 1989) e mostra como se pode evitar o problema da unicidade. Situações são concebidas como partes de mundos. Uma situação na qual um fazendeiro possui um burrinho conterá um fazendeiro, um burrinho seu e possivelmente outras coisas. Já uma “situação mínima” em que um fazendeiro possui um burrinho não conterá nenhum indivíduo além do fazendeiro e de seu burrinho. Uma situação pode ainda ser parte de uma outra situação. Diz-se nesse caso que essa é uma extensão daquela. Por exemplo, uma situação mínima em que um fazendeiro possui um burrinho pode ser estendida em uma outra situação contendo talvez outros fazendeiros e burrinhos.

A ideia básica na proposta de Heim (1990) é assumir que determinantes quantificadores introduzem quantificação sobre indivíduos e situações. Uma maneira de implementar essa ideia é permitir que tais determinantes quantifiquem sobre pares formados por indivíduos e situações. Uma sentença como (2), por exemplo, significaria que para cada par  $\langle x, s \rangle$  em que  $x$  é um fazendeiro e  $s$  é uma situação mínima em que  $x$  possui um burrinho, existe uma extensão  $s'$  de  $s$  em que  $x$  bate no burrinho que ele possui em  $s$ . Como a variável  $s$  recai sobre situações mínimas contendo um único burrinho, a pressuposição desencadeada pela descrição definida se torna inócua.

Quantificar sobre pares, entretanto, expõe a análise à ameaça conhecida como *problema da proporção* na literatura. Considere a seguinte sentença:

(7) A maioria dos fazendeiros que possui um burrinho é rica

Críticos da abordagem baseada em ligação não seletiva apontaram que tratar o indefinido *um burrinho* como não quantificador e o determinante *a maioria dos* (*most* nos exemplos originais do inglês) como um quantificador sobre pares fazendeiro-burrinho gera uma leitura para (7) de acordo com a qual para a maioria dos pares  $\langle x,y \rangle$  em que  $x$  é um fazendeiro e  $y$  é um burrinho de  $x$ ,  $x$  é rico. Como consequência, faz-se a previsão de que a sentença seja verdadeira em um cenário em que um fazendeiro rico possui 100 burrinhos e 99 fazendeiros pobres possuem apenas um burrinho cada, já que nesse caso haveria mais pares fazendeiro-burrinho em que o fazendeiro é rico do que pares em que o fazendeiro é pobre. Mas isso é contraintuitivo e os falantes são categóricos em julgar (7) como falsa nessas circunstâncias.

Tal problema da proporção (assim chamado em Kadmon (1987)) seria evitado se mantivéssemos as abordagens mais tradicionais, de acordo com as quais sintagmas indefinidos são interpretados como quantificadores existenciais, e determinantes como *a maioria dos* quantificassem sobre indivíduos. A sentença (7) então significaria que o número de fazendeiros que têm (pelo menos) um burrinho e que são ricos é maior que o número de fazendeiros que têm (pelo menos) um burrinho e que não são ricos.

Note que quantificar sobre pares formados por indivíduos e situações mínimas incorreria no mesmo problema. Como as situações relevantes nesse caso contêm exatamente um burrinho, haveria uma correspondência um a um entre pares formados por um fazendeiro e um burrinho que ele possui e pares formados por um fazendeiro e uma situação mínima na qual ele tem um burrinho. A conclusão é que enriquecer a abordagem *e-type* com quantificação sobre pares de indivíduos e situações cria uma tensão entre a solução para o problema da unicidade e a solução para o problema da proporção.

Heim (1990) menciona algumas tentativas de lidar com o problema da unicidade com exemplos envolvendo orações relativas, que não abandonam a quantificação sobre indivíduos ao invés de pares e que, portanto, não incorrem no problema da proporção. A ideia é atribuir a essas sentenças formas lógicas com dois quantificadores em cascata. Seguem algumas paráfrases de Heim (1990) para algumas das sentenças apresentadas mais acima e que representam o espírito da abordagem:

- (8) Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele.  
=>  
Para todo fazendeiro que possui um burrinho: para todo burrinho que ele possui: ele bate nele.
- (9) A maioria das pessoas que possuíam um escravo também possuíam os descendentes dele.  
=>  
Para a maioria das pessoas que possuíam um escravo: para todo escravo que elas possuíam: elas também possuíam os descendentes dele.
- (10) Nenhum pai com um filho adolescente empresta o carro pra ele.  
=>  
Para nenhum pai com filho adolescente: existe um filho adolescente dele: ele empresta o carro pra ele.

Tal estratégia pode ser aplicada igualmente bem em uma abordagem *e-type* acoplada a uma semântica de situações, conforme apontado por Heim (ver Elbourne (2002) e Buring (2004) para análises desse tipo):

- (11) Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele.  
=>  
Para todo fazendeiro que possui um burrinho: para toda situação mínima *s* em que ele possui um burrinho: ele bate no burrinho que ele possui em *s*.
- (12) A maioria das pessoas que possuíam um escravo também possuíam os descendentes dele.  
=>  
Para a maioria das pessoas que possuíam um escravo: para toda situação mínima *s* em que elas possuíam um escravo: elas também possuíam os descendentes do escravo que possuíam em *s*.
- (13) Nenhum pai com um filho adolescente empresta o carro pra ele.  
=>  
Para nenhum pai com filho adolescente: existe uma situação mínima em que ele tem um filho adolescente: ele empresta o carro para o filho que ele tem em *s*.

Note que as paráfrases contêm um quantificador secundário implícito cuja força varia de acordo com a natureza do determinante presente na estrutura superficial da sentença: *todo* e *a maioria dos* aparecem com um universal sob eles, enquanto que *nenhum* aparece com um existencial.

Conforme Heim (1990:163) aponta, “há duas grandes questões à respeito desse tipo de abordagem: uma é se há alguma maneira não arbitrária de prever a força do quantificador secundário implícito. [...] A segunda questão é como implementar a análise sem manobras *ad-hoc* tanto na sintaxe quanto na semântica”. No que segue, abordarei a primeira questão, afirmando que as paráfrases dadas acima são enganadoras e que não há quantificadores secundários, mas sim descrições definidas

plurais de situações. A aparente disparidade na força quantificacional é explicada como consequência da maneira com que descrições definidas em geral se comportam no escopo de diferentes quantificadores. Quanto à segunda questão, argumentarei que as entradas lexicais de determinantes quantificadores como *todo*, por exemplo, exigem a presença de uma descrição situacional em seu escopo e que descrições definidas situacionais implícitas são necessárias em outras construções gramaticais.

### 3. Quantificação e Descrições Definidas Plurais

Retomemos o desafio enfrentado por teorias que atacam o problema da unicidade postulando um quantificador secundário nas formas lógicas das sentenças *donkey*, como visto em (8)-(10) e (11)-(13). Tal quantificador secundário era, às vezes, universal (quando o quantificador primário era *todo* ou *a maioria dos*) e às vezes, existencial (quando o quantificador primário era *nenhum*) e essa variação parece arbitrária, resistindo a uma explicação não estipulativa.

Minha proposta é que tais quantificadores secundários não existem e que, de fato, o que aparece imediatamente sob o escopo dos determinantes quantificadores é uma descrição definida plural de situações. Desse modo, as paráfrases mais fiéis às representações lógicas das sentenças em questão não são (11)-(13), mas sim (14)-(16) abaixo:

(14) Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele.

=>

Para todo fazendeiro que possui um burrinho: as situações mínimas *s* em que ele possui um burrinho são tais que ele bate no burrinho que ele possui em *s*.

- (15) A maioria das pessoas que possuíam um escravo também possuíam os descendentes dele.

=>

Para a maioria das pessoas que possuíam um escravo: as situações mínimas s em que elas possuíam um escravo são tais que elas também possuíam os descendentes do escravo que possuíam em s.

- (16) Nenhum pai com um filho adolescente empresta o carro pra ele.

=>

Para nenhum pai com filho adolescente: as situações mínimas s em que ele tem um filho adolescente são tais que ele empresta o carro para o filho que ele tem em s.

Note em todas as paráfrases acima a presença da descrição definida plural de situações no escopo imediato do sujeito quantificado (quantificador primário). Note ainda a quase sinonímia entre (11)-(13) e (14)-(16). Vamos tomar esses fatos como indicativos de uma uniformidade na representação lógica das sentenças e assumir que a variação antes observada era apenas como uma ilusão criada por paráfrases como (11)-(13).

Mas por que tais paráfrases pareciam tão adequadas? A explicação reside na maneira como descrições definidas plurais se comportam no escopo de expressões quantificadas. Considere, por exemplo, o seguinte cenário: um grupo de garotos ganhou presentes de Natal, sendo que cada um deles ganhou vários brinquedos. Mais tarde, eles se reuniram na casa de um parente comum para o almoço. Imagine, agora, as seguintes observações sobre esse encontro:

(17)

- a. Todo garoto levou os presentes que ganhou.
- b. A maioria dos garotos levou os presentes que ganhou.
- c. Nenhum garoto levou os presentes que ganhou.

(17a) passa a ideia de que todo garoto levou todos os brinquedos que ganhou. (17b) passa a ideia de que a maioria dos garotos levou todos os brinquedos que ganhou. E (17c) passa a ideia de que nenhum garoto levou nenhum brinquedo que ganhou, ou seja, para nenhum garoto, existe um brinquedo ganho que ele tenha levado para o encontro.

No presente contexto, (17c) merece atenção especial. Note que dado um garoto *g* qualquer, uma descrição como *os brinquedos que g ganhou* refere-se a totalidade dos brinquedos ganhos por *g*. Isso fica claro em sentenças como *os brinquedos que g ganhou são caros*, que veicula a ideia de que todos os brinquedos ganhos por *g* são caros e que parece sinônima de *todo brinquedo que g ganhou é caro*. Em (17c), entretanto, a descrição definida plural *os brinquedos que ele ganhou* não parece se comportar como um quantificador universal. Compare-a, por exemplo, com (18):

(18) Nenhum garoto levou todos os brinquedos que ele ganhou.

(18) nega apenas a existência de garotos que tenham levado a totalidade dos brinquedos ganhos, sendo compatível com garotos que tenham levado apenas alguns dos seus brinquedos. De (17c), entretanto, infere-se que nenhum garoto levou nenhum dos brinquedos ganhos.<sup>5</sup>

A lição que tiramos desses exemplos é que descrições definidas plurais no escopo de determinantes quantificadores como *todo* ou *a maioria dos* se comportam como quantificadores universais, enquanto no escopo de quantificadores como *nenhum* comportam-se como existenciais. Buscaremos elucidar mais abaixo a razão para tal.

---

<sup>5</sup> Esclareceremos mais adiante a origem dessa inferência, via acarretamento e pressuposição.

Note ainda que esse comportamento persiste mesmo quando a descrição plural é interpretada distributivamente:

(19)

- a. Todo garoto mandou um cartão postal para os amigos (dele) na Europa.
- b. A maioria dos garotos mandou um cartão postal para os amigos (dele) na Europa.
- c. Nenhum garoto mandou um cartão postal para os amigos (dele) na Europa.

Imagine agora que cada garoto de que estamos falando tenha vários amigos na Europa, cada um morando em um país diferente. (19a) pode ser usada para dizer que cada garoto enviou um cartão postal diferente para cada um dos amigos na Europa. Já (19c), veicula a ideia de que nenhum garoto mandou cartão para nenhum amigo na Europa.<sup>6</sup> Uma vez mais, sentenças como (19c) contrastam com sentenças como (20) em que a descrição definida plural é substituída por um quantificador universal:

- (20) Nenhum garoto mandou um cartão postal para todo amigo (dele) na Europa.

Em (20), nega-se apenas a existência de garotos que tenham mandado cartão para a totalidade dos amigos europeus, sendo, portanto, logicamente mais fraca que (19c).

---

<sup>6</sup> Conforme apontou um parecerista anônimo, (19c) é ambígua entre essa leitura e uma leitura segundo a qual nenhum dos garotos mandou *apenas um* cartão para seus amigos (todos mandaram mais de um para todos os amigos). Esta última parece requerer acento prosódico sobre *um*. É provável que tal acento corresponda a um foco contrastivo, ou ainda a uma negação metalinguística atrelada a *nenhum*. Deixarei em aberto uma integração desses fatores com uma análise pressuposicional como a que defenderei mais adiante.

Resta-nos agora a tarefa de explicar a origem desse comportamento das descrições definidas plurais quando no escopo de um quantificador. É o que faremos na próxima seção.

#### 4. Pressuposição de Homogeneidade

Para entender o alcance do que proporemos logo a seguir, considere o par de sentenças abaixo:

(21)

- a. Pedro aprovou os candidatos.
- b. Pedro não aprovou os candidatos.

(21a) nos dá a ideia de que todos os candidatos foram aprovados, parecendo ter as mesmas condições de verdade da sentença *Pedro aprovou todos os candidatos*. (21b), entretanto, nos dá a ideia de que Pedro não aprovou nenhum candidato, parecendo ter condições de verdade distintas de *Pedro não aprovou todos os candidatos*, que nega apenas a aprovação da totalidade dos candidatos, sem sugerir reprovação em massa.<sup>7</sup> Esse mesmo efeito *tudo ou nada* permanece diante de interpretações tipicamente distributivas, como no par abaixo:

(22)

- a. Pedro mandou um cartão para as ex-namoradas.
- b. Pedro não mandou um cartão para as ex-namoradas.

De acordo com (22a), Pedro mandou um cartão para cada namorada. Já (22b) nos dá a ideia de que Pedro não mandou cartão para nenhuma ex-namorada, sendo, portanto, semanticamente mais forte que *Pedro não*

<sup>7</sup> Refiro-me aqui à leitura preferida para *Pedro não aprovou todos os candidatos*. É possível, entretanto, obter a inversão de escopo se acentuarmos a palavra *todos*, gerando a leitura de que para todo candidato *x*, Pedro não aprovou *x*.

*mandou um cartão para todas as ex-namoradas.*<sup>8</sup>

Para manter uma interpretação unificada para as descrições plurais nos exemplos acima, vamos assumir que a aplicação de um predicado a uma descrição definida plural desencadeia uma pressuposição de homogeneidade (Lobner 1985), que pode ser descrita assim:

(23) *Pressuposição de Homogeneidade*<sup>9 10</sup>

Se um predicado não coletivo P se aplica a uma descrição definida plural X, então ou P se aplica a todas as partes da denotação de X ou P não se aplica a nenhuma das partes da denotação de X.

Com o auxílio da pressuposição de homogeneidade, podemos manter que a interpretação semântica (assertiva) de uma descrição definida plural em contextos distributivos é sempre a mesma de um quantificador universal. Para as sentenças em (21), por exemplo, temos o seguinte:

(24) a. Pedro aprovou os candidatos.

Asserção: Pedro aprovou todos os candidatos

Pressuposição: Ou Pedro aprovou todos os candidatos ou

<sup>8</sup> Vale aqui o comentário feito na nota anterior.

<sup>9</sup> Limitar-me-ei, neste artigo, à aplicação desta pressuposição a casos envolvendo descrições definidas plurais. Entretanto, a mesma parece aplicar-se a casos envolvendo descrições definidas singulares cujas denotações possam ser vistas como formadas por partes. Por exemplo, descrições relacionadas a superfícies, como *a parede*. Assim, *a parede é branca* pode ser interpretada como *toda a parede é branca*. Cf. Lobner (1985) para discussão.

<sup>10</sup> É importante notar que esta pressuposição não está atrelada a descrições definidas *per se*, mas sim à interação destas com uma operação de predicação (ou de saturação de um predicado). Conforme veremos logo a seguir, os efeitos da pressuposição de homogeneidade se fazem sentir, sobretudo, em contextos negativos, como no escopo da negação ou de um quantificador como *nenhum*. Em função disso, um parecerista anônimo sugere que talvez seja conceitualmente melhor atrelar tal pressuposição à interação da descrição definida com um elemento negativo. Tal alternativa definitivamente merece atenção, mas não me parece claro como implementá-la composicionalmente, já que a descrição definida não se combina diretamente com o elemento negativo. Este é um ponto que deixarei em aberto.

Pedro não aprovou nenhum candidato.

Ass+Press.: Pedro aprovou todos os candidatos

b. Pedro não aprovou os candidatos.

Asserção: É falso que Pedro aprovou todos os candidatos

Pressuposição: Ou Pedro aprovou todos os candidatos ou Pedro não aprovou nenhum candidato.

Ass+Press.: Pedro não aprovou nenhum candidato.

Note que em (24a) a pressuposição não acrescenta nada ao conteúdo assertivo e o resultado final é semelhante significado da sentença *Pedro aprovou todos os candidatos*. Já em (24b), como a pressuposição se projeta sobre a negação (KARTUNNEN; PETERS, 1979, HEIM, 1983, *inter alia*), a adição da pressuposição à asserção faz diferença e o resultado final é mais forte que o significado da sentença *Pedro não aprovou todos os candidatos*, exatamente o resultado que queríamos.<sup>11 12</sup>

Um raciocínio análogo se aplica às sentenças em (22), como se pode ver abaixo:

(25) a. Pedro mandou um cartão para as ex-namoradas.

Asserção: Pedro mandou um cartão para todas as ex-namoradas.

<sup>11</sup> Como exemplo clássico de projeção sobre a negação, considere *Pedro não sabe que Maria está grávida*, que pressupõe o mesmo que *Pedro sabe que Maria está grávida*, ou seja, que Maria está grávida. O desencadeador da pressuposição nesse caso é o verbo factivo *saber*.

<sup>12</sup> Um parecerista anônimo chama a atenção para o fato de o efeito básico da pressuposição de homogeneidade em casos como (24b) ser a retirada da descrição definida do escopo do operador negativo. Sendo sempre assim, poderíamos simplificar a pressuposição, reduzindo-a apenas aos casos positivos (se P se aplica a X, então P se aplica a todas as partes de X). A questão que se coloca é a seguinte: por que descrições definidas plurais, como *os meninos*, ao contrário de quantificadores universais, como *todo menino*, sempre escapam ao escopo da negação em casos como (24b)? Além disso, e talvez ainda mais importante do que isso, há casos como os discutidos mais abaixo em que a descrição definida contém um pronome ligado por um quantificador negativo (*nenhum menino trouxe os brinquedos dele*) e, portanto, precisa ser interpretada dentro de seu escopo.

Pressuposição: Ou Pedro mandou um cartão para todas as ex-namoradas ou Pedro não mandou um cartão para nenhuma ex-namorada.

Ass+Press.: Pedro mandou um cartão para todas as ex-namoradas.

b. Pedro não mandou um cartão para as ex-namoradas.

Asserção: É falso que Pedro mandou um cartão para todas as ex-namoradas.

Pressuposição: Ou Pedro mandou um cartão para todas as ex-namoradas ou Pedro não mandou um cartão para nenhuma ex-namorada.

Ass+Press.: Pedro não mandou um cartão para nenhuma ex-namorada.

Com o que vimos acima em mente, reconsideremos agora a sentença (19a), repetida abaixo por conveniência, em sua leitura distributiva, de acordo com a qual cada amigo recebeu um cartão personalizado:

(26) Todo garoto mandou um cartão para os amigos dele.

Em (26), a descrição definida está no escopo de um quantificador universal e a sentença veicula que todo garoto mandou um cartão postal para todos os amigos dele. A pressuposição de homogeneidade parece vácuca nesse caso. Isso é de se esperar se assumirmos que a mesma projeta universalmente, ou seja, se a pressuposição associada a (26) for a de que para todo garoto  $x$ , ou  $x$  mandou um cartão para todos os amigos ou  $x$  não mandou cartão para nenhum dos amigos.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Por projeção universal entenda-se o seguinte: numa sentença  $[Qx: F(x)]$  em que  $Q$  é um quantificador e  $F$  um predicado, se no escopo de  $Q$  for gerada uma pressuposição  $p(x)$ , contendo uma variável livre  $x$ , então a pressuposição da sentença será: *para todo  $x$ ,  $p(x)$* . No caso acima, essa pressuposição será vácuca, o que obscurece um pouco as coisas. Entretanto, no exemplo a seguir, o impacto da projeção ficará mais claro.

Tal assunção de projeção universal é motivada pelo comportamento de gatilhos pressupicionais (*presupposition triggers*) no escopo de quantificadores discutido em Heim (1983), que apresenta exemplos como (27), em que o pressuposto é que toda nação tem um rei.<sup>14</sup>

(27) Toda nação idolatra seu rei.

Considere agora (28):

(28) Nenhum garoto mandou um cartão para os amigos dele.

Nesse caso, a descrição definida aparece no escopo de um quantificador negativo. A sentença veicula que nenhum garoto mandou um cartão pra nenhum de seus amigos, sendo, portanto, mais forte que o conteúdo da sentença *nenum garoto mandou um cartão para todos os amigos (dele)*. Podemos derivar esse resultado se assumirmos que a pressuposição de homogeneidade projeta universalmente também nesse caso:

(29) Nenhum garoto mandou um cartão para os amigos.

Asserção: Para nenhum garoto  $x$ ,  $x$  mandou um cartão para todos os amigos de  $x$ .

Pressuposição: para todo garoto  $x$ , ou  $x$  mandou cartão para todos os amigos de  $x$ ; ou  $x$  não mandou cartão para nenhum dos amigos de  $x$ .

Ass+Press.: Para todo garoto  $x$ ,  $x$  não mandou cartão pra nenhum amigo de  $x$ .

Nesse caso também a pressuposição de homogeneidade se comporta como outras pressuposições, como pode ser visto em (30), adaptado de

<sup>14</sup> A pressuposição relevante em (27) é a pressuposição existencial desencadeada pela descrição definida singular *seu rei* (= *o rei dela*).

Heim (1983), que também pressupõe que toda nação tem um rei:<sup>15</sup>

(30) Nenhuma nação idolatra seu rei.

Prosseguindo na mesma linha de raciocínio, vejamos o comportamento de um plural definido no escopo de um quantificador existencial:

(31) Um garoto mandou um cartão para os amigos (dele).

O que (31) veicula (na leitura relevante) é que há um garoto que mandou um cartão a todos os amigos. Nesse caso, se a pressuposição projetasse universalmente obteríamos um resultado inadequado, conforme mostrado abaixo:<sup>16</sup>

(32) Um garoto mandou um cartão para os amigos.

Asserção: Existe um garoto  $x$ , tal que  $x$  mandou um cartão para todos os amigos de  $x$ .

#Pressuposição: para todo garoto  $x$ , ou  $x$  mandou cartão para todos os amigos de  $x$ ; ou  $x$  não mandou cartão para nenhum dos amigos de  $x$ .

O problema com a pressuposição acima é que ela veicula que não existem garotos que mandaram cartões para apenas alguns de seus amigos. Mas isso é muito forte. Para (32) ser verdadeira, basta que haja um garoto apenas que tenha mandado cartão para todos os amigos. Nada

<sup>15</sup> Este, pelo menos, foi o julgamento que obtive dos falantes que consultei. Isso está de acordo com a teoria de Heim (1983), que reconhece, entretanto, relatos na literatura de julgamentos afirmando que (30) pressupõe apenas que alguma nação tenha um rei. A autora também alerta para a possibilidade de contextos em que a pressuposição universal pode ser enfraquecida via acomodação local, o que me parece possível tanto em (29) quanto em (30). Cf. também Beaver (2001) e as referências lá citadas para discussão.

<sup>16</sup> Agradeço à crítica de um parecerista anônimo que me permitiu sanar um erro a esse respeito na versão anterior do artigo.

se conclui a respeito dos demais garotos. Tal fato seria um argumento contra a pressuposição de homogeneidade, se tivéssemos evidência de que pressuposições no escopo de um quantificador existencial projetam universalmente. Mas esse não é o caso, como pode ser visto através do seguinte exemplo (KARTUNNEN; PETERS, 1979, HEIM 1983):

(33) Um homem gordo estava empurrando a bicicleta dele.

O que essa sentença pressupõe é que o homem gordo que estava empurrando a bicicleta tinha uma bicicleta. Por analogia, devemos esperar que (31) pressuponha que o menino que enviou um cartão para todos os amigos ou enviou cartão para todos os amigos ou não enviou cartão pra nenhum. Tal pressuposição, entretanto, é vácuca, já que não acrescenta nada ao conteúdo assertivo da sentença, o que está de acordo com o que vimos acima.

Por fim, consideremos um caso envolvendo um quantificador proporcional como *a maioria dos garotos*:

(34) A maioria dos garotos enviou um cartão para os amigos (dele)

Todos os falantes que consultei concordaram que para essa sentença ser verdadeira, é necessário que a maioria dos garotos  $x$  em questão seja tal que  $x$  tenha mandado um cartão para todos os amigos de  $x$ . Mas o que me pareceu mais importante foi o fato de que, quando solicitados a fornecer situações em que a sentença fosse verdadeira, todos descreveram cenários em que havia dois tipos de garotos: os que mandaram cartão para todos os amigos (a maioria) e os que não mandaram cartão pra nenhum amigo (a minoria). Ainda interessante foi o fato de que quando apresentados a sentenças semelhantes, porém com um quantificador universal no lugar da descrição definida, como em (35) abaixo, os cenários descritos continham garotos (pertencentes à minoria que não enviou cartão para todos os amigos) que mandaram cartão para alguns, mas não para todos os amigos:

- (35) A maioria dos garotos enviou um cartão para todos os amigos (dele).

Assumindo tais julgamentos como representativos da maneira com que falantes do português brasileiro interpretam descrições definidas plurais, o contraste acima entre (34) e (35) constitui evidência adicional para a existência da pressuposição de homogeneidade desencadeada por descrições plurais definidas, e que tal pressuposição se projeta universalmente quando no escopo de um quantificador proporcional.

## 5. De volta às sentenças *donkey*

Estamos enfim aptos a retomar do ponto em que as deixamos as sentenças *donkey* que são o alvo deste artigo. Apresentamos abaixo três exemplos representativos com as respectivas paráfrases que correspondem (informalmente) às formas lógicas que postulamos para as sentenças:

- (36) Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele.  
=>

Para todo fazendeiro que possui um burrinho: as situações mínimas  $s$  em que ele possui um burrinho são tais que ele bate no burrinho que ele possui em  $s$ .

- (37) A maioria dos fazendeiros que possuem um burrinho bate nele.  
=>

Para a maioria dos fazendeiros  $x$ , tal que  $x$  possui um burrinho: as situações mínimas  $s$  em que  $x$  possui um burrinho são tais que  $x$  bate no burrinho que  $x$  possui em  $s$ .

- (38) Nenhum fazendeiro que possui um burrinho bate nele.

=>

Para nenhum fazendeiro que possui um burrinho: as situações mínimas  $s$  em que ele possui um burrinho são tais que ele bate no burrinho que ele possui em  $s$ .

O fato crucial é que as formas lógicas de todas elas possuem uma descrição definida plural no escopo de um quantificador. Dado o que vimos na seção anterior, uma pressuposição de homogeneidade será desencadeada por essa descrição e projetada universalmente em função da natureza dos quantificadores acima. Desta forma, ao se somar ao conteúdo assertivo da sentença, o resultado final será o de uma aparente variação na natureza do que chamamos anteriormente de quantificador secundário:

- (36) Todo fazendeiro que possui um burrinho bate nele.

=>

Asserção: Para todo fazendeiro que possui um burrinho: todas as situações mínimas  $s$  em que ele possui um burrinho são tais que ele bate no burrinho que ele possui em  $s$ .

Pressup.: Para todo fazendeiro  $x$  que possui um burrinho: ou  $x$  bate em todo burrinho que possui ou não bate em nenhum.

Asserção+Pressup. = Asserção

- (37) A maioria dos fazendeiros que possuem um burrinho bate nele.

=>

Asserção: Para a maioria dos fazendeiros que possuem um burrinho: todas as situações mínimas  $s$  em que ele possui um burrinho são tais que ele bate no burrinho que ele possui em  $s$ .

Pressup.: Para todo fazendeiro  $x$  que possui um burrinho: ou  $x$  bate em todo burrinho que possui ou não bate em nenhum.

Asserção+Pressup. = Asserção

(38) Nenhum fazendeiro que possui um burrinho bate nele.

=>

Asserção: Para nenhum fazendeiro que possui um burrinho: todas as situações mínimas *s* em que ele possui um burrinho são tais que ele bate no burrinho que ele possui em *s*.

Pressup: Para todo fazendeiro *x* que possui um burrinho: ou *x* bate em todo burrinho que possui ou não bate em nenhum

Asserção+Pressup. = Para todo fazendeiro que possui um burrinho: nenhuma situação mínima *s* em que ele possui um burrinho é tal que ele bate no burrinho que ele possui em *s*.

Como já havíamos antecipado, esses são exatamente os resultados que almejávamos, sendo que agora foi possível alcançá-los de uma maneira não estipulativa, valendo-nos de fatos independentes sobre a pressuposição de homogeneidade, descrições definidas plurais e a maneira como a primeira se projeta quando no escopo de quantificadores.<sup>17</sup> A unificação nos mecanismos interpretativos responsáveis pelo cômputo do conteúdo dessas sentenças foi possível graças à nossa postulação de uma descrição definida plural implícita nas formas lógicas em questão, postulação essa que encontra respaldo na Semântica de Situações (KRATZER, 1989, ELBOURNE, 2002) em que determinantes quantificadores como *todo*, *a maioria dos* e *nenhum* tomam como argumentos não conjuntos de indivíduos, mas relações entre situações e indivíduos. É através das entradas lexicais desses determinantes que a descrição definida plural é introduzida na interpretação das sentenças que os contêm.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Cumpre notar que não estamos fornecendo uma explicação para a projeção (ora universal, ora não universal) da pressuposição de homogeneidade. Mas cumpre também notar que esta parece se comportar como outras pressuposições geradas em contextos semelhantes, conforme observamos mais acima ao apresentarmos alguns exemplos de Heim 1983.

<sup>18</sup> É forçoso reconhecer, entretanto, que não é óbvio como formalizar a introdução da pressuposição desencadeada pela descrição definida plural, já que a mesma não está presente na linguagem objeto, mas apenas na metalinguagem. Esse é um ponto da presente análise que permanece em aberto.

## Conclusão

A proposta central deste artigo foi a de que a formal lógica das sentenças *donkey* contém uma descrição definida plural de situações no escopo de uma expressão quantificadora. A partir dessa hipótese, mostramos como podemos derivar a aparente disparidade interpretativa que desafiava uma análise unificadora. Vimos que tais descrições plurais desencadeiam uma pressuposição de homogeneidade e que o efeito de disparidade aparecia como consequência da interação dessa pressuposição com o conteúdo assertivo das sentenças em questão, sem que precisássemos postular qualquer discrepância arbitrária na interpretação das expressões quantificadoras envolvidas. Uma abordagem *e-type* mostra-se então suficiente (ver HEIM, 1990, ELBOURNE, 2002), sem incorrer nos problemas da unicidade e da proporção.

## Referências

- BEAVER, D. **Presupposition and Assertion in Dynamic Semantics**. Stanford, CA: CSLI Publications, 2001.
- BERMAN, S. Situation-based semantics for adverbs of quantification. In: BLEVINS, J.; VAINIKKA, A. (Org.). **University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics**, v. 12. Amherst: GLSA Publications, 1987. pp. 46–68.
- BURING, D. **Crossover situations**. *Natural Language Semantics* 12, p. 23–62. 2004.
- COOPER, R. The interpretation of pronouns. In HENY, F.; SCHNELLE, H. (Org.). **Syntax and Semantics 10**. New York: Academic Press, 1979.

ELBOURNE, P. **Situations and Individuals**. Massachusetts Institute of Technology: Tese de Doutorado. 2002.

EVANS, G. **Pronouns**. *Linguistic Inquiry* 11, 1980. p. 337–362.

HEIM, I. **The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases**. University of Massachusetts at Amherst: Tese de Doutorado. 1982.

\_\_\_\_\_. On the projection problem for presuppositions. In: D. F. et alii (Org.), **Proceedings of the Second West Coast Conference on Formal Linguistics**. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **E-type pronouns and donkey anaphora**. *Linguistics and Philosophy* 13, 1990. p.137–177.

HEIM, I. and A. KRATZER. **Semantics in Generative Grammar**. Oxford: Blackwell, 1998.

KADMON, N. **On Unique and Non-Unique Reference and Asymmetric Quantification**. University of Massachusetts at Amherst: Tese de Doutorado. 1987.

KAMP, H. A theory of truth and semantic representation. In: GROENENDIJK, J.; JANSSEN, T.; STOKHOF, M. (Org.), **Formal Methods in The Study of Language**. Amsterdam: Mathematische Centrum, University of Amsterdam, 1981.

KANAZAWA, M. **Singular donkey pronouns are semantically singular**. *Linguistics and Philosophy* 24, 2001. p. 383–403.

KARTUNNEN, L. and S. Peters. Conventional implicature. In: KYU OH, C.; DINNEEN, D. (org.), **Syntax and Semantics 11**. New York: Academic Press, 1979. pp. 1–56.

KRATZER, A. **An investigation of the lumps of thought**. *Linguistics and Philosophy* 12, 1989. p. 607-653.

LOBNER, S. **Definites**. *Journal of Semantics* 4, 1985. p.279–326.

NEALE, S. **Descriptions**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

ROOTH, M. NP interpretation in Montague grammar, file change semantics, and situation semantics. In: GARDENFORS, P. (Org.), **Generalized Quantifiers**. Dordrecht: Reidel, 1987.